

Escritaria: a literatura invade Penafiel

Todos os anos, durante uma semana, a literatura lusófona invade a cidade, que se veste de palavras e imagens para homenagear um escritor. Este ano foi o angolano Pepetela. Feira do livro, apresentações de obras, colóquios, música e exposições foram algumas das atividades de um festival de literatura que ganhou raízes em Penafiel.

Frases espalhadas pela cidade convidam a um mergulho na obra do autor homenageado. Este ano, entre 1 e 7 de outubro, foi Pepetela o escritor em destaque, mas as ruas de Penafiel já conhecem as palavras de Urbano Tavares Rodrigues, José Saramago, Agustina Bessa-Luís, Mia Couto, António Lobo Antunes, Mário de Carvalho, Lídia Jorge, Mário Cláudio, Alice Vieira e Miguel Sousa Tavares.

Em onze edições, já a contar com a deste ano, escritores de língua portuguesa recebem a atenção dos penafidelenses para uma homenagem feita em vida. Assim nasceu a ideia deste festival, no seio da Câmara Municipal de Penafiel, que tem procurado manter a matriz fundacional.

“A ideia consiste em homenagear um escritor contemporâneo da língua portuguesa”, explicou à PÁGINA o presidente da Câmara, Antonino de Sousa. “E ao longo dos dias em que decorre o festival, sensivelmente uma semana, tudo aquilo que vai acontecendo se desenvolve em torno de um escritor e da sua obra. E toda a cidade se contamina de alguma forma com a obra do escritor, com aspetos da sua vida. Essa é de facto uma das singularidades que este festival tem, transforma a cidade na cidade do homenageado”.

Pelas ruas lê-se e vê-se o autor escolhido. Frases de Pepetela como ‘A amizade é assim, tem sempre dois lados e devemos realçar o melhor’, ‘Nem tudo na vida é doloroso ou inviável’ ou ‘A dor muito prolongada faz-nos cruéis e indiferentes à crueldade’, estão espalhadas pelas ruas, pelas varandas, servindo de legenda a uma pintura ou a uma imagem trabalhada do autor. Para o festival, Pepetela escolheu “A transferência de conhecimentos, ideias e emoções através dos livros devia ser eterna, mas está em risco”.

Em torno dele há muitas atividades, que passam pela arte de rua, teatro, pintura, escultura ou música, abraçando várias expressões artísticas e fazendo “muito pela cultura nas suas diferentes disciplinas”, que não só a literatura.

Incentivo à leitura

As escolas e os jovens também participam no Escritaria. “Toda a comunidade escolar se envolve. A arte de rua, por exemplo, é toda ela produzida pelos nossos alunos das escolas básicas 2/3 e secundárias. O escritor também vai à escola, está com os alunos e isso é, do nosso ponto de vista, e os resultados também o demonstram, um incentivo à leitura e à aproximação dos jovens à literatura”, sublinhou o autarca.

O Escritaria contribui, assim, para a divulgação da literatura lusófona, dando visibilidade aos autores e convidando-os a estarem presentes no festival. “E é também um aproximar dos próprios leitores à literatura, porque ela é apresentada de uma forma mais simples do que acontece habitualmente. Julgo que eventos como este têm a capacidade também de aproximar a literatura à comunidade, porque o escritor circula pelas ruas, frequenta os cafés, vai aos restaurantes, está aqui no dia a dia, acessível e próximo”, acrescenta Antonino de Sousa.

Depois de uma viagem com o moçambicano Mia Couto, em 2011, a África lusófona regressou a Penafiel por Angola, em homenagem a Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, ou simplesmente Pepetela. As palavras deram vida a várias obras que, mesmo de forma indireta, contam a realidade histórica de Angola. Em Penafiel lançou «Sua Excelência, de Corpo Presente» (Dom Quixote, 2018), que conta a história de um presidente ditador – de um país africano imaginado – que, embora morto, vê o que se passa à sua volta, recorda episódios da sua vida e acaba por revelar os meandros do poder político.

“Foi o que realmente sempre quis fazer, escrever histórias”, disse Pepetela na conferência em sua homenagem. O autor sentiu-se acarinhado por toda a cidade e viu o Escritaria como um convite à leitura, ao gosto pela leitura. Porque, afinal, “o que é preciso é que as pessoas leiam”.

*Maria João Leite
(texto e imagem)*